O DEMOCRATA

AVENÇADO

Semanário Republicano de Aveiro

ANO 40.º — N.º 1998

Sábado, 21 de Junho de 1947

VISADO PELA CENSURA

Redacção e Administração
Rua de Santa Joana, 35
Comp. e Imp.—IMP. UNIVERSAL-AVEIRO
R. Combatentes da G. Guerra—Telef. 125

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

Coisas dos jornais e coisas locais

A "URBANIZAÇÃO" E A OPINIÃO — CRÍTICA E ALVITRES

pelo Dr. Alberto Souto

O Democrata e os grandes diários portuenses não teem regateado o seu espaço à crítica severa do famigerado plano de *urbanização* parcial de Aveiro nem à infeliz ideia que a repartição de obras da Caixa Geral dos Depósitos teve de, aproveitando o plano do corte das casas orientais da Rua da Costeira, querer situar ali o seu novo edifício.

O Século, que marcára posição na questão geral do critério urbanístico com um magistral artigo de fundo da mais sensata e plausível doutrina, enviou aqui um redactor especial. Esse redactor apreciou o problema de Aveiro, *in loco*, ouviu o sr. Presidente da Câmara, e concluiu, como é verdade iniludível, que a Cidade em pezo repudia o projecto urbanístico e discorda do ponto de vista camarário.

Do *Jornal de Notícias*, do Porto, que tanto carinho tem dispensado à nossa terra e à propaganda das suas riquezas e belezas, veio a Aveiro o próprio seu ilustre director, sr. dr. Pacheco de Miranda, acompanhado de pessoal técnico da sua Redacção, e dessa visita resultou uma série de artigos no conceituado quotidiano nortenho, dos quais, o do dia 16, aplicava à maquete, exposta pela Câmara na garage Trindade, Filhos, uma tunda de tal modo incisiva e acertada que bem pode apelidar-se de *tunda mestra* ou *de caixão à cova*.

Também o *Primeiro de Janeiro*, inserindo a gravura da mesma maquete, e sempre reprovando o projecto, referia algumas das minhas críticas que, como todos sabem, não podem ser favoráveis a um plano que abertamente tenho combatido desde o início e mesmo antes de o ver traduzido numa construção de gesso.

Por seu turno, o público não se tem cansado de fazer ásperos comentários não só à maquete, (que não consegue convencer ninguém,) mas também à estranha insistência com que pessoas de fora de Aveiro querem impôr a Aveiro uma obra que atenta contra os interesses, as tradições, o senso e o consenso dos aveirenses que, graças a Deus, ainda não estão sob tutela, nem dados por interditos, embora muito tenham dormido nestes últimos anos sobre a enxerga das antigas tradições do seu civismo.

Ultimo reduto—ouvi eu chamar à maquete.

Está bem apanhado, o dito!

Ultimo reduto de um ideia infeliz e de uma teimosia inglória. Ultimo reduto de um êrro que bem melhor seria que tivesse morrido no começo da sua vida de feto espúrio, logo no gabinete do sr. Presidente da Câmara ou na sala das sessões da Vereação ou numa acta do Conselho Municipal.

Mas como *abissus, abissa invocat*, a um erro inicial outros erros se juntaram, como esse erro de escolha do sítio para o edifício da Caixa Geral dos Depósitos, com prejuizo da sua localização no próprio ponto onde hoje funcionam os serviços da mesma Caixa e com prejuizo do embelezamento e melhoria do mais feio trecho da margem sul do Canal da Cidade.

Esses erros de visão, de orientação, de critério, ali estão, em verdade, metidos dentro daquelas paredesinhas de meio palmo, como num minúsculo castelo sitiado, num último reduto. Onde esses erros de visão, de orientação e de critério, neste caso da urbanização parcial de Aveiro, se foram meter! Num reduto de gesso!

A opinião pública assediou-os e nem desarma nem levanta o cerco. Os erros não teem defesa possível. Toda a gente espera a rendição. E a rendição consiste *no abandono completo deste plano e no estudo de outras soluções!*

* * *

Sim, no estudo de outras soluções!

Porque há outras soluções. E ninguem acredita que só haja uma solução e que a solução seja a que todos nós combatemos. E se há outras soluções quanto ao problema do trânsito nas pontes, quanto à estética do local, quanto à situação do novo edifício da Caixa Geral dos Depósitos, porque é que se não estudam? Porque é que se insiste na propaganda deste condenado e condenável projecto?

Eu já não quero preguntar porque é que se não estudaram outras soluções. Preguntar porque é que se não estudaram outras soluções, pareceria envolver uma reprimenda pessoal a qualquer pessoa ou a quaisquer pessoas e nem eu, nem ninguem pretende aplicar qualquer reprimenda às pessoas envolvidas no caso. A questão não é de pessoas, é de actos, de factos, de ideias, de planos, de projectos.

Praticaram-se erros, emendem-se, não se persista neles.

Eu nem conheço o sr. arquitecto ou engenheiro urbanista autor do projecto, que quero supôr muito competente para estudar outras soluções e elaborar outros projectos. Eu não conheço, também, os técnicos da Caixa Geral, nem, como já disse, tenho interesse algum em atingir o sr. Presidente da Câmara que com a *Gota de Leite* e muitos actos da sua presidência tem prestado a Aveiro serviços dignos de grande louvor.

Mas calar-se a reprovação do erro da sua concordância com o plano urbanístico, é que também não pode ser, a-pesar-da razão invocada de se obter o pagamento, pela Caixa Geral dos Depósitos, do preço das expropriações.

Todos nós somos susceptíveis de errar e todos os erros estão sujeitos a discussão, a emenda ou a reparos.

Sua Ex.ª não é natural de Aveiro, como daqui não são naturais uns poucos de Vereadores, como o não são, também, nem os técnicos das construções da Caixa Geral nem o sr. arquitecto urbanista.

Ora quem não é daqui natural não pode compreender toda a extensão da ferida que este projecto abriu no coração dos aveirenses que, como eu, formaram o seu espírito, a sua mentalidade, a sua alma, passando e repassando, desde meninos, sobre o chão daquela rua e daquele largo.

Quem não é de Aveiro, embora aqui se tenha fixado em idade adulta, mas recentemente, não pode compreender a dor dos aveirenses que encheram o seu coração de amor da Terra e da Pátria nas solenidades, nas manifestações e nas comemorações, nos cortejos religiosos, festivos e civis que ali, na Costeira e no Largo Municipal, ao som da toada de oiro dos sinos da Câmara e com a garbosa presença das nossas antigas e excelentes bandas, eles aplaudiram, realizaram ou acompanharam.

Outrora ali foi recebida a rainha D. Maria II. Ali foram recebidos os principes, os Reis, as Ministros, o actual sr. Presidente da Republica, os visitantes ilustres, as excursões celebres, e as estudantinas, de inolvidavel alegria, de Compostela, Salamanca, e Coimbra. Etc, etc!

Ali se acenderam os archotes e balões venezianos das marchas nocturnas pelas expedições de Africa; ali se ergueram as bandeiras e os festões da memoravel apoteose a Mousinho de Albuquerque!

Ah! Grande tempo, êsse, das ovações ao heroi de Chaimite, com o povo delirante, vivando ao som da Charanga do Asilo, e da Música Nova e da Música Velha!...

Ali se desdobraram, sempre, as ricas colgaduras de damasco diante das nossas imponentes procissões; ali se cobriam de flores e se palmeavam os nossos hospedes de honra. Triunfalmente ali passaram as excursões de Coimbra, de Viana, da Figueira da Foz, de Viseu. Ali vibrou a alma de Aveiro ao inaugurar a estátua de José Estêvão e ao desfilar dos cortejos dessas inesquecíveis festas e das não menos notáveis do seu centenário e de tantos outros que ecoaram em todo o Portugal. Ali se proclamou a Republica em Aveiro, ali ajoelhou, dolorida, a nosso alma perante os ataudes de Melo Freitas e de Luís de Magalhães; ali o sacrario de todas as nossas virtudes cívicas, ali a nossa Acropole, bem digna ainda, e intangivel, portanto.

Este afecto especial dos aveirenses de ante-ontem, de ontem e de hoje pela fisionomia da nossa Rua da Costeira e pelo nosso antigo Largo Municipal, (Rua Coimbra e Praça da Republica hoje chamados) não o pode compreender, não, em verdade, quem não é de cá e quem não bebeu o leite sentimental e espiritual daquele terno seio de *afectos e principios* a que a nossa Terra nos amamentou!

* * *

Outras soluções e outros planos! Porque não?

Porque não há-de estudar-se, por exemplo, o prolongamento da Rua Gustavo Pinto Basto desde a frente do Liceu até ao Cais?

E' uma hipotese; seria uma outra solução.

Porque não, mesmo, uma nova ponte em frente dessa nova Costeira?

Porque não essa nova Costeira, em simetria com a actual, enquadrando a Praça da Republica e os Paços do Concelho, dando comodidade ao transito e embelezando a zona do Canal Central da cidade, do Rocio, dos Arcos?

Não faltaria, a oeste dessa nova Costeira do poente, o espaço bastante para o edifício da Caixa Geral dos Depósitos e êsse edifício ficava, então, numa situação ainda mais vantajosa para os serviços da Caixa e mais valiosa para o embelezamento do sítio.

Este alvitre que ultimamente tem tomado muito vulto na Cidade e que não dispensa a urbanização, em grande, do lado do nascente, como eu propuz, parece-me perfeitamente exequivel nas mãos de tecnicos hábeis. Esses tecnicos seriam certamente capazes de construirem uma ponte com as dimensões e curvaturas bastantes para dar vazão ao transito e não impedir a navegação da ria.

Uma ponte suficientemente arqueada e de lados curvos, com entradas e saídas não em angulo recto, mas em curvas concordantes com as direcções do movimento de veículos, parece ser possivel à engenharia, se esta, os Servicos de Urbanização e a Câmara quizerem que se faça. Mas com ponte ou sem ponte, êsse prolongamento da Rua Gustavo Pinto Basto até ao Cais impõe-se, sem prejuizo do espaço necessário à Caixa Geral.

Por outro lado, se não quizerem traçar a tal avenida que eu propuz já há vinte anos, avenida que iria do fundo da Avenida Lourenço Peixinho a uma rotunda nas Olarias, e daqui aos Guardas, poderia, adotando linhas curvas, trazer uma rua ampla pela Corredoura abaixo e construir uma nova ponte a nascente da actual ponte das almas, dando-lhe também as curvaturas necessárias para o desvio do transito que, da entrada dos Guardas, por aí desceria ao centro oriental da Cidade, sem precisão nenhuma de complicar o movimento em frente da Rua Coimbra. Fica caro êsse projecto? E' possivel.

Mas novas artérias e novas pontes é o que se afigura a tôda a gente como o necessário, o conveniente, o preferivel.

* * *

Estas soluções seriam difíceis?

Mas é exatamente para resolver tais dificuldades que os engenheiros e os arquitectos existem.

Como veem, eu não me aferro ao esquema de urbanização que propuz há anos e que considero como o mais vantajoso para o futuro. Apresento outras ideias e formulo outros alvitres.

Há dificuldades em tudo isso?

Pois, decerto. Mas difícil era o traçado da linha férrea Porto-Lisboa por Aveiro, por causa do vale de Esgueira e do rio Vouga e dos campos inundáveis de Cacia até Canelas.

E os engenheiros do tempo, isto é, de há quási cem anos, resolveram todos esses problemas.

Difícil era firmar os alicerces do novo teatro, ali ao pé do Mercado, sôbre terreno que apresenta, em alguns pontos do talweg do vale do Cojo, mais de vinte metros de vaza muito instavel, e o engenheiro, nosso quási patrício, sr. Angelo Ramalheira, não se aterrorisou com a dificuldade e assegurou a obra no sítio desejado pela empresa proprietária, empregando um processo identico ao que a engenharia de oitocentos empregara nos pegões do viaduto de Esgueira.

Na época do cimento armado seria ridículo que qualquer engenheiro ou arquitecto declarasse impossivel construir pontes modernas, eficientes e elegantes sobre o Canal Central de Aveiro, pontes que podem e devem ser adequadas a todas as hipoteses do tráfego fluvial e do transito rodoviário.

Seja como for!

Mas resolver as dificuldades, neste caso da nossa urbanização, sem sacrificar a Rua Coimbra nem o Largo Municipal, descongestionando o sítio de Entre-Pontes e melhorando o conjunto do centro da Cidade sem diminuir a utilidade e a graça do braço da ria que ali existe, é que será obra digna de aplauso e capaz de acreditar os méritos de um engenheiro ou de um arquitecto urbanista.

Continuo a crer que a espada de Alexandre tem de cortar o nó gordio, lá em cima, nos Guardas, abrindo novas ruas e avenidas, como já disse.

Mas no arranjo da passagem do Canal no sítio de Entre-Pontes pode adoptar-se um critério diferente do plano combatido, com soluções como as que hoje apresento exemplificatimente.

Insistir e persistir no erro do plano que toma por base uma casa particular, como é a do Hotel, e que sacrifica a nossa melhor rua e destroi a nossa única praça nobre para, afinal, todo o novo dispositivo ficar escantilhado em relação aos Paços do Concelho, é que é um absurdo e um motivo de reprovação e desmerecimento.

* * *

Deve pôr-se de parte o plano questionado e devem mandar-se estudar novas soluções. E, fazendo-o, não se deve guardar segredo desses novos de fóra, projectos. Pelo contrário: devem sujeitar-se esses projectos à apreciação, ao estudo e à crítica e ouvir sobre eles, não apenas a voz dos técnicos, mas a voz de todos os interesses materiais e morais em jogo, a voz dos interesses particulares e dos interesses gerais, interesses esses que constituem, afinal, o verdadeiro interesse da Cidade.

IMPRENSA

Jornal de Albergaria

Entrou no seu 37.º ano êste confrade do concelho donde tira o nome, que Alberico Ribeiro fundou e ainda administra.

Felicitamo-lo.

Notícias do Douro

Igualmente êste semanário regionalista da Régua, dirigido pelo sr. dr. Agostinho Pizarro, transitou para o 14.º ano, festejando condignamente a data faz hoje oito dias.

Nem admira, visto a Régua ser o centro dos vinhos do Porto e estes marcarem como poderosos estimulantes...

Muitas felicidades.

TERMINARAM AS AULAS

Foi no último sábado.

Todos os liceus do país deixaram de funcionar, seguindo-se as médias, os exames e as férias grandes. Na quinta-feira principiaram as provas práticas e depois do dia 26 iniciam-se as provas escritas para, no fim, haver o merecido descanço.

E que bem êle deve saber aos rapazes a quem as *cólicas* mais apertaram!

Teatro Aveirense

E' amanhã, se houver número, que deve ter logar a reunião da Assembleia Geral extraordinária, convocada para se proceder à eleição dos corpos directivos, visto os eleitos na devida altura para o triénio de 1947-1949 terem renunciado aos respectivos cargos, inclusivamente o Presidente da Mesa da Assembleia Geral.

Que sairá de tôda esta embrulhada?

Intolerável

Porque será que o público, frequentador do Teatro Aveirense, não toma os seus lugares a tempo e horas de modo a evitar encomodos aos espectadores que costumam ser pontuais?

Supomos que, cumprindo-se o regulamento, não deixando entrar na sala os retardatários, talvez estes tivessem mais cuidado e as queixas cessassem.

Com vista à Direcção.

NOTA OFICIOSA

Foi publicada pelo Govêrno, declarando êste que vai proceder energicamente contra todos aqueles indivíduos que dêem provas de oposição aos princípios constitucionais, e na qual se apontam já vários nomes atingidos por essa medida em consequência de terem tomado parte no esbôço de algumas desordens e tentativas revolucionárias.

E' que o país precisa de ordem, precisa de viver em paz como indispensavel à obra de regeneração em curso.

Prendam-no curto...

Informou o *Século* ter o administrador-gerente da Fábrica de Lanifícios de Arrentela prestado no tribunal uma caução de 741 contos para sair em liberdade, visto haver sido preso por especulação no preço de fazendas fabricadas naquele estabelecimento, sôbre o qual já pesam 24 processos por casos identicos!

Não há o direito de andar à solta...

* * *

Por seu lado o Govêrno determinou que a Fábrica de Lanifícios de Arrentela encerrasse as suas portas por 90 dias, ficando a direcção do estabelecimento com o encargo de pagar os salários aos operários durante esse periodo de tempo como se estivesse em laboração. São mais de 500 pessoas, entre homens e mulheres.

A medida é digna de aplauso.

Edifício do Govêrno Civil

Pelo visto, continua a não interessar a sua reparação depois do incendio que nele se manifestou há anos já, continuando as obras paradas.

Então sério, sério, ninguem se interessa?

Concurso de pesca

Vai realizar-se no dia 13 de Julho o primeiro entre os amadores deste género de sport, sendo o local escolhido o dique concentração de correntes, na Barra.

Deve ser curioso, pela novidade.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, o sr. João Luís de Rezende Junior, sub-chefe reformado da P. S. P.; amanhã, as galantes Maria Helena Farto Ramos e Maria Adelaide Ramos, filhas, respectivamente, dos srs. Henrique Ramos, da Foto-Central, e Anibal Ramos, da Confeitaria Avenida, e o sr. Fernando Betencourt, 1.º sargento de Infantaria 10; no dia 23, o Luisinho, filho do alferes Rui Ventura Rodrigues e neto do nosso amigo tenente-coronel Carla Rodrigues, sub-inspector dos S. A. M.; em 24, a gentil académica Dulce Alves Souto, filha do nosso apreciado colaborador dr. Alberto Souto; a menina Alda Maria Couceiro Valente, filha do sr. dr. Acácio Valente, médico em Vàlega, e os srs. tenente João Baptista Marques e José do Espírito Santo; em 25, as interessantes Maria Luisa Ramos e Ascenção Martins, filhas, respectivamente, dos srs. António N. F. Ramos, proprietário do Ultimo Figurino, e José Martins, mestre de talha da Escola Fernando Caldeira, e a sr.ª D. Maria das Dores Vieira da Costa Lelo, esposa do nosso presado amigo José de Mesquita Lelo, considerado livreiro do Porto; em 26, a sr.ª D. Maria de Lourdes Moreira, filha da sr.ª D. Ilda de Melo Moreira, o inocente José Carlos, filho do sr. José Rodrigues Madail, funcionário da Direcção dos Serviços Pecuários, e os srs. tenente Júlio Durão, João Baptista Guimarães, da firma Lau & Filhos, L.ª e Manuel Luís Coimbra, residente em Lisboa.

Gente nova

Deu á luz um menino a esposa do sr. dr. Domingos Vicente Ferreira, vice-presidente da Câmara.

Um futuro risonho.

Partidas e Chegadas

Estiveram no último sábado em Aveiro, tendo-nos dado a honra da sua visita, as srs.as D. Violeta Vieira da Costa, viuva do nosso saudoso amigo Francisco Vieira da Costa, falecido, há anos, em Luanda; D. Maria das Dores Vieira da Costa Lelo, esposa do também nosso presado amigo José de Mesquita Lelo, do Porto; D. Maria Isabel Fernandes Garcia e D. Adelaide da Costa Crespo, a quem agradecemos, reconhecidos, a surpreza com que nos distinguiram.

—Chegou da capital, onde esteve em gozo de licença, o nosso amigo sr. tenente-coronel Manuel Martins dos Reis, 2.º comandante de Infantaria 10.

—Com a família foi passar algum tempo a S. Pedro de Muel (Marinha Grande) o sr. Mapril Guerra Orfão, que há pouco chegou de Luanda (Angola).

—Esteve cá, na quarta-feira, tendo nos dado o prazer da sua visita, o nosso colega da Defesa de Espinho, Benjamim da Costa Dias, a quem agradecemos a deferência.

—Também aqui veio passar alguns dias o nosso conterrâneo Amadeu Pinto dos Reis, 3.º oficial da Direcção de Finanças da Guarda.

Doentes

Teve alta do Hospital, onde foi operada, a sr.ª D. Maria Eunice da Cruz Marques, gentil filha do sr. capitão Casimiro Marques.

Foi ali muito visitada, encontrando-se agora em convalescença.

—Tem passado um pouco encomodada a sr.ª D. Maria Trancoso Magalhães, a quem desejamos completo restabelecimento.

Exames

Com altas classificações transitou do 1.º para o 2.º ano do Liceu a galante Maria Armanda Abrantes Saraiva, dilecta filha da sr.ª D. Armanda Abrantes Saraiva e de seu marido o capitão de engenharia, sr. José Salvato Bizarro Saraiva.

Os nossos parabens.

Energia electrica

Continua a faltar aos domingos do lado da manhã, chovendo por isso os protestos de todos os pontos da cidade.

E ninguem dá providências, deixando correr tudo ao Deus dará...

O pão

Está a ser péssimamente fabricado, não se podendo tragar.

Mas em Lisboa não é assim...

Festivais no Parque

Realizam-se hoje, amanhã, segunda e terça-feira, em honra do santo precursor.

São organizados pelo *Sport Club Beira-Mar.*

Cadernetas de racionamento

Passam a ser vendidas no 2.º semestre do ano a 1$20 em vez de 1$80 como veem marcadas.

Bom sinal.

Transferência

Da Nazaré, onde esteve a comandar a Secção da Guarda Fiscal, foi colocado na da Figueira da Foz o sr. tenente José Barata Freire de Lima, que nesta cidade possui muitas amisades.

Felicitâmo-lo.

O INCENDIO... LAVRA

Está a arder o plano urbanístico da cidade, alastrando o fogo por o extintor da Câmara não funcionar logo de princípio à falta de quem orientasse o jacto no sentido de desviar a chama para onde não fizesse perca...

E é que agora não há volta a dar-lhe. O vento sopra, as labaredas alastram, a água existe, mas as mangueiras estão rotas...

Vejamos o que a tal respeito diz o *Jornal de Notícias*, do Porto:

A maquete do celebrado Plano parcial da urbanização de Aveiro, referente à Rua de Coimbra, há dias que se encontra exposta numa garagem da Avenida Central, daquela cidade.

Se o intuito que se pretendeu atingir, promovendo a apresentação em publico da referida maquete, foi o de demonstrar a excelência dum trabalho arquitectónico —devemos confessar que êsse intuito se frustou completamente. A melhor defesa e justificação da discordância manifestada pelos aveirenses contra o famigerado Plano, é precisamente o crime da referida maquete.

Toda ela está errada de princípio ao fim, se a relacionarmos com a localização da zona a que se destina.

Esse trabalho apresenta, em primeiro plano, o edifício do Hotel Arcada, e que serviu de base a tôda a projectada remodelação do local. Há, depois, uns traços a negro, que representam os edifícios existentes—que têm de ser cortados e demolidos. Quanto às depressões, elas representam o canal com a ponte-placa e uma abertura elipsoide no centro. O arquitecto, quem quer que seja (não importa saber de quem se trata, nem isso interessa à discussão do assunto) não apresenta no seu trabalho nem a Rua de Coimbra (Costeira), nem a Praça da Republica, nem o edifício dos Paços do Concelho, sem os quais não é possível avaliar da consciência técnica e do valor real da maquete. Se os edifícios e locais citados figurassem nela, imediatamente ressaltariam os defeitos essenciais do celebrado Plano urbanístico.

Quais esses defeitos? Já os enunciámos aqui, com o devido relevo. Mas não é demais insistir.

Esse Plano, todo êle, é oblíquo, em relação ao edifício e à Praça mais nobre da cidade, ou sejam a Câmara Municipal e a Praça da Republica. Trata-se, pois, dum trabalho **simétrico** em relação a um edifício particular como é o do Hotel Arcada, e **assimétrico e escantilhado** em relação ao edifício-mestre de Aveiro, que é, sem dúvida, o seu belo palácio municipal.

Mesmo com as lacunas fundamentais já anotadas, a maquete não deixa quaisquer duvidas acerca do juízo pejorativo que nos fica do seu exame. Para os aveirenses não era preciso que a maquete fôsse exposta; mas essa exposição veio afinal confirmar a razão da discordância que eles manifestaram, desde a primeira hora, com um Plano que é tecnicamente imperfeito, arquitectonicamente coxo e claudicante e socialmente nocivo aos interesses e progressos da linda cidade dos canais.

Não; aquilo não pode ser—e não será. Urge que perdomine o bom gosto, o bom senso, o amor bairrista. E' realmente indispensavel que Aveiro faça sentir, em Lisboa, o seu desgosto e a sua discordância com uma obra cuja execução constituiria um atentado e uma calamidade. A gente boa de Aveiro, os grandes e os pequenos, unidos todos no mesmo pensamento, já afirmou o seu repudio pelo Plano mirabolante, esdrúxulo, esotérico —que não passa de um monstruzinho sem pés nem cabeça. Que resta pois? Pô-lo de parte. E' preciso ir a Lisboa mostrar essa vontade, fazer valer essa legítima e justa aspiração?

Pois que a Comissão Pró-Defesa de Aveiro, com os seus deputados à frente, vá a Lisboa. E não temos dúvida, que desde que o caso seja apresentado ao sr. Ministro das Obras Públicas, que é um engenheiro distinto, ao sr. Director Geral da Urbanização, que é, igualmente, um engenheiro competentíssimo, o famigerado, o infeliz Plano Parcial da Rua de Coimbra, será definitivamente sepultado no olvido.

Urbanize-se a cidade de Aveiro, sim. Mas urbanize-se—com inteligência.

A' matroca, como se pretende, não pode ser—não será!

Nós também assim pensamos—**não será**, porque a fôrça da razão tem de predominar acima da teimosia.

Convença-se a Câmara desta grande verdade.

Secção Desportiva

Campeonatos Nacionais de Remo nas Caldas da Rainha

A Foz do Arelho, encantadora praia do concelho das Caldas da Rainha, foi designada pela Federação Portuguesa de Remo para pista dos Campeonatos Nacionais de 1947.

A Câmara Municipal das Caldas patrocina o empreendimento que a Federação, na parte técnica, e comissões de caldenses activamente preparam.

Espera-se que numeroso público se desloque à Foz do Arelho em 13 e 14 de Julho—dia em que se realizam as provas—não só da populosa cidade, que naquele mês regorgita já de veraneantes e aquistas, como de todo o país.

Os alojamentos e transportes necessários estão já garantidos e os festejos que o programa da época assinala são de molde a tentar todos os veraneantes e forasteiros, tanto mais que as Caldas, pelas suas condições naturais, é uma explendida estância de turismo.

"Comércio e Indústria,,

Recebemos desta Companhia de Seguros o relatório da administração do seu 39.º ano, findo em 1946, que, a-pesar-de mostrar resultados menos favoráveis que a do exercício anterior, não deixa de manter os seus créditos há muito firmados.

Consequencias da guerra, que tudo afectou.

BODAS DE PRATA

Faz no dia de S. Pedro 25 anos que celebrou a sua primeira missa o padre Manuel da Silva Marcelino Júnior, ali de S. Bernardo, e que se acha a paroquiar a freguesia de Abiul (Pombal) donde brevemente retira para Mira, aproximando-se, portanto, mais de nós, da terra que lhe foi berço, da família e dos conterraneos.

Sabemos que Abiul tem em vista prestar-lhe, nesse dia, condigna homenagem, fazendo dela parte um cerimonial religioso e uma sessão solene a que se associa todo o clero do concelho e o sr. Bispo-Conde, de Coimbra, que se fará representar.

O padre Manuel Marcelino, que pela sua acção apostólica, educativa e social, grangeou inumeras simpatias, quer na freguesia, que, mercê das circunstancias, vai deixar, quer no resto do concelho, bem merece que, coincidindo com a hora da despedida, leve dos seus paroquianos e das pessoas que com êle privaram a certeza duma amisade duradoura.

Associamo-nos à projectada manifestação.

Declaração

Anibal de Morais Hipólito, furriel de Cavalaria, declara, que desta data em diante, se não responsabilisa por dívidas contraídas por sua mulher Beatriz Augusta Hipólito, residente nesta cidade.

Aveiro, 20 de Junho de 1947.

Livros

A Estrada de Fogo

Integrado na sua colecção «Romancista de Hoje», *Editorial Gleba* acaba de lançar no mercado êste original português da autoria do dr. Celestino Gomes que, sendo um consagrado pintor e crítico de arte, é ao mesmo tempo um escritor de real merecimento, na plena posse das suas faculdades criadoras de beleza.

O livro que temos presente é, com efeito, uma brilhante afirmação do seu talento, na maneira como nos são apresentadas as personagens com quem o leitor vai a pouco e pouco tomando contacto, na concatenação das cenas vigorosamente desenhadas pela imaginação do romancista, e na límpida forma literária com que se descrevem os encantos duma paisagem, as manias de um velho servo, os conflitos latentes naquelas almas abrasadas em luxúria e em amor-do-próximo, os horrores duma guerra fraticida, etc.

A Estrada de Fogo é, pois, uma novela que se lê com embevecido encanto desde a primeira à derradeira página, uma obra cheia de ternura e de intenções humanitárias que tem seguramente marcado o seu lugar entre as melhores que no género, durante os últimos anos, têm aparecido.

Desapareceram Dois Homens

A acção desta obra, que também a *Editorial Gleba* fez enquadrar na sua colecção «Novelas Policiais», passa-se numa terra semi-sertaneja do golfo do México, o que lhe dá um extraordinário sabor local, especialmente quando nos descreve os costumes primitivos dos seus habitantes, no meio dos quais dois detectives estrangeiros, um americano e outro francês, pesquisam o destino de de dois sábios desaparecidos naquelas paragens.

O agente francês é impulsivo, tem uma imaginação ardente, característica da raça latina; o *yankee* é fleugmático, observa friamente as pessoas e os acontecimentos. Daí, a diversidade de processos adoptados por cada um deles.

Quem orienta o seus passos com mais inteligência? O que temerariamente penetra no *Rancho Grande* ou o que fica a distância, vigiando as entradas e saídas, e procurando identificar as visitas da casa e os seus estranhos desígnios?

E' o que o leitor poderá saber, adquirindo o magnífico romance de Silvain Doherty, com o título supra, que Catarino Tavares conscienciosamente traduziu e que se encontra à venda nas principais livrarias do país.

Agradecimento

João Vieira da Cunha, ainda convalescente da perigosa doença, que lhe ia roubando a vida, vem por intermédio deste jornal, visto ser-lhe impossível fazê-lo pessoalmente, agradecer a todas as pessoas que se interessaram pelo estado da sua saúde, dando-lhes assim provas da sua sincera amizade.

A todas elas deixa aqui bem publica a sua profunda e eterna gratidão.

Aveiro, 19 de Junho de 1947

JOÃO VIEIRA DA CUNHA

Aos nossos assinantes de longe

E' agora ocasião de também apelarmos para eles, por alguns trazerem bastante atrazadas no pagamento as suas assinaturas.

Nas costas **Oriental** e **Ocidental da Africa**, na **Guiné**, na **América do Norte**, no **Brasil** e **noutros pontos do estrangeiro** não temos possibilidade de fazer cobrança pelo correio, atendendo a que fica dispendiosa, o mesmo sucedendo por intermédio das casas bancárias. Há, porém, uma maneira cómoda e prática de se resolverem as dificuldades, que é os assinantes virem directamente até nós, ou por intermédio de suas famílias, como alguns fazem.

O Democrata—continuamos a dizer—atravessa a maior crise da sua existência, com a agravante de não estarmos dispostos a elevar mais os preços que tem. As despesas, contudo, não decrescem e só para as equilibrar com a receita ninguém calcula o trabalho que isso dá. Nesta ordem de ideias, parece-nos que não devemos ter vergonha de pedir, de solicitar a quantos recebem o jornal e a ele se acham em dívida, o seu auxílio monetário que apenas consiste no envio das importâncias atrazadas e que tanta falta fazem à administração nesta hora crítica que atravessamos.

A todos que nos atenderem, desde já lhes ficamos imensamente gratos

Aos anunciantes de "O Democrata,,

A quem tiver de anunciar nas colunas deste jornal roga-se a fineza de enviar à Redacção os respectivos originais, o mais tardar até ao meio dia de quinta-feira, a-fim-de evitar atrazos na sua confecção, visto ter horas certas de entrar na máquina e de ser enviado, depois de impresso, para o correio.

Atenção, pois, srs. anunciantes!

Câmara Municipal de Aveiro

Concurso público para a adjudicação da tarefa de pavimentação a macadame da estrada (1.ª fase) de Verdemilho à Quinta do Picado, na freguesia de Aradas, deste concelho de Aveiro:

ANUNCIO

Faz-se público que no dia 7 de Julho de 1947, durante a reunião da Câmara, se procederá ao concurso público para a adjudicação da tarefa de pavimentação a macadame da estrada de Verdemilho à Quinta do Picado (1.ª fase), na extensão de 1.630 metros.

Base de licitação 168.000$00

Esta base de licitação é de mais 20 % do que a mencionada no primeiro concurso.

Para ser admitido ao concurso é necessário apresentar documento comprovativo de ter feito o depósito provisório de 4.500$00 na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, até à véspera do concurso.

O programa do concurso, caderno de encargos e respectivo projecto estão patentes todos os dias úteis, das 11 às 17 horas, na Repartição dos Serviços Tecnicos desta Câmara.

Aveiro e Paços do Concelho, 17 de Junho de 1947.

O Presidente da Câmara Municipal,

ALVARO SAMPAIO

Agradecimento

Manuel Marques Mostardinha, *restabelecido do desastre que o obrigou a uma permanencia prolongada no Hospital de Aveiro, vem por êste meio agradecer os cuidados a que deu ensejo a sua doença e bem assim às pessoas que o visitaram, todas as provas duma estima que jàmais esquecerá, pois ficará gravada eternamente no seu coração reconhecido.*

E porque individualmente se vê impossibilitado de o fazer, aqui lhes deixa a prova de imperecivel gratidão.

S. Bento (Costa do Valado) 19 de Junho de 1947.

Luís de Pinho das Neves Leitão

Agradecimento

Sua esposa Rosa Maria das Neves e filhas, agradecem muito reconhecidos a todas as pessoas que manifestaram os seus pêsames e assistiram ao funeral do extinto.

Aveiro, 8 de Junho de 1947

NECROLOGIA

Pompeu da Costa Pereira

Finou-se na pretérita sexta-feira, depois de prolongado sofrimento, êste antigo comerciante da nossa praça, que agora contava 65 anos.

Evidenciou-se na política local doutros tempos, ocupou logares de certo relêvo e ultimamente isolara-se, vivendo para a família, por quem era estremoso.

Sócio fundador do *Club dos Galitos*, fez parte de várias direcções, assim como noutras colectividades, onde também prestou serviços.

O enterro realizou-se no último sábado, de tarde, saindo da sua residencia, para o cemitério central. Nêle se incorporaram pessoas de todas as categorias sociais, que formaram extenso cortejo.

Deixou viúva a professora sr.ª D. Ernestina da Conceição Rocha Pereira; era pai das sr.as D. Célia da Rocha Pereira e D. Marília da Rocha Pereira, ausente em Africa, e do sr. Pompeu da Costa Pereira Júnior, os dois ultimos também professores, e cunhado dos srs. Albino, Generoso e Gelásio Rocha e do sr. tenente Campos de Almeida.

A todos manifestamos as nossas condolências, extensivas à restante família.

* * *

No próximo logar do Bonsucesso deixou, igualmente, de existir, com 78 anos, a sr.ª D. Maria Amélia da Conceição Rocha, viúva do nosso amigo Amandio Ribeiro da Rocha.

A extinta era sogra do professor Manuel Estudante; avó da esposa do sr. Elmano Cordeiro da Silva e o seu cadáver foi a enterrar no cemitério do Outeirinho.

Aos doridos, os nossos sentimentos.

Albergue da Mendicidade do distrito de Aveiro

Concurso

Até ao dia 2 de Julho próximo, aceitam-se propostas para a seguinte empreitada:

Instalação eléctrica, fornecimento de material e mão de obra no edifício do Albergue, em S. Bernardo, Aveiro.

As condições do concurso e caderno de encargos encontram-se patentes todos dias úteis, das 11 às 17 horas, na secretaria do Comando da Polícia de Segurança Pública de Aveiro.

O depósito de garantia do concurso é de 500$00 (quinhentos escudos) e será feito na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdencia, à Ordem da Comissão Administrativa do Albergue.

As propostas deverão ser dirigidas em envelope fechado ao presidente da Comissão Administrativa do Albergue—Comando da Polícia de Segurança Pública de Aveiro.

Aveiro, 19 de Junho de 1947

A COMISSÃO ADMINISTRATIRA

Fábrica de Porcelana da Vista-Alegre, Limitada

ILHAVO

ARRENDAMENTO

FAZ-SE público, que a ADMINISTRAÇÃO DA FÁBRICA recebe propostas em carta fechada até 15 de Agôsto do corrente ano, para arrendamento da **Quinta da Vista-Alegre e anexos** sita junto da Fábrica, com a área cultivável de 200.000 m², com terrenos de sequeiro e regadio e Casa de Caseiro, eira, currais de gado, pomar, oliveiras, etc. e a exploração duma praia de junco e moliço.

Facultam-se todas as informações por intermédio da Secção das Dependencias Externas da Fábrica, em Ilhavo (Vista-Alegre).

A Fábrica reserva-se o direito de não arrendar no caso das propostas recebidas não lhe convirem, passando a explorar directamente estas propriedades.

FABRICA DA VISTA-ALEGRE, 2 de Junho de 1947.

O Administrador-Delegado

a) *Luís Azevedo Coutinho*

«O Democrata»

ASSINATURAS

(Pagamento adiantado)

Portugal (Ano)	30$00
Semestre	15$00
Colónias (Ano)	30$00
Estrangeiro (Ano)	40$00
Número avulso	$60

ANUNCIOS

Mais duma publicação, contrato especial.